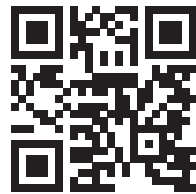


15 HISTÓRIAS PARA INCLUIR

15 CASOS, 15 CONTEXTOS,
15 DESFECHOS POSSÍVEIS
—
SITUAÇÕES PARA REFLEXÃO
E DEBATE



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

15 HISTÓRIAS PARA INCLUIR

COORDENAÇÃO

Rita Cadima
Isabel Pereira
Manuela Francisco
Sónia Cunha

ORGANIZAÇÃO

Unidade de Ensino a Distância

EDIÇÃO

Instituto Politécnico de Leiria

REVISÃO

Sónia Pedro
Carina Rodrigues
Sandro Costa

GRAFISMO

Joana Mineiro

VERSÃO HTML ACESSÍVEL

Cláudio Esperança
Sandro Costa
Catarina Maximiano
Manuela Francisco
Joana Mineiro

ISBN

978-972-8793-87-6

2019

ÍNDICE

NOTA INTRODUTÓRIA	04
Equipa Coordenadora	
COMO ESTÁ ORGANIZADO	05
Unidade de Ensino a Distância	
CASO 1: O VÉU QUE COBRE UMA HISTÓRIA	06
Autor: Sónia Cunha	
CASO 2: O ELEARNING, OS SÍMBOLOS E OUTROS DESAFIOS	10
Autores: Carina Rodrigues e Manuela Francisco	
CASO 3: WEB DESIGN: CRIATIVIDADE OU ACESSIBILIDADE?	14
Autores: Joana Mineiro e Manuela Francisco	
CASO 4: A TECNOLOGIA SERÁ UMA SOLUÇÃO?	18
Autor: Célia Sousa	
CASO 5: COMÉRCIO ONLINE? É SÓ UM CLIQUE...	22
Autores: Manuela Francisco e Norberto Sousa	
CASO 6: COMUNICAR NO SILÊNCIO	26
Autores: Natália Tomás e Renato Coelho	
CASO 7: URBANISMO, ACESSIBILIDADE E BOM SENSO	30
Autores: Manuela Francisco e Norberto Sousa	
CASO 8: CORES, AROMAS E OUTRAS DIFERENÇAS CULTURAIS	34
Autor: Sónia Cunha	
CASO 9: CONFERÊNCIA INCLUSIVA	38
Autores: Catarina Mangas e Joana Sousa	
CASO 10: O VALOR DO TEMPO: PACIÊNCIA E TOLERÂNCIA	42
Autor: Olga Santos	
CASO 11: ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO DE TRABALHO	46
Autores: Luís Filipe, Patrícia Pereira, Sandra Alves e Graça Seco	
CASO 12: ACESSO AO ENSINO SUPERIOR – UMA MIRAGEM?	50
Autores: Celina Gaspar e Rosa pedro	
CASO 13: PREVENÇÃO OU PRECONCEITO?	54
Autor: Clara Leão	
CASO 14: FOTOGRAFIA PARA TODOS: UM MITO OU UMA REALIDADE?	58
Autores: Andrea Gurgel e Carla Freire	
CASO 15: LET'S MAKE A MOVIE!	62
Autores: Carla Freire e Carlos Silva	

NOTA INTRODUTÓRIA

Após a Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pela Organização das Nações Unidas em 1948, que a inclusão e o respeito pela diferença têm ganho destaque na sociedade moderna, em particular nas 2 últimas décadas. Em 2002 a ONU vai mais longe e reconhece que *“A diversidade cultural é tão necessária para a humanidade como a biodiversidade para a natureza”*, sendo adotada a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. Com base nestes reconhecimentos, algumas transformações vão surgindo nos mais diversos contextos, nomeadamente na Educação. As instituições têm reunido esforços, não só para dar apoio aos estudantes com Necessidades Educativas Especiais (NEE), mas também, para formar todos os indivíduos e sensibilizar as instituições para a desmistificação de conceitos e atitudes, contribuindo para uma mudança da mentalidade individual e coletiva da sociedade em que vivemos.

Neste sentido, e consentâneo com as políticas institucionais do Politécnico de Leiria, desenvolveu-se em 2017 o 1º Ciclo de Inclusão em “59 minutos e alguns segundos” que integrou 18 minicursos em formato MOOC (Massive Open Online Courses). O objetivo deste ciclo, na modalidade e formato em que se apresentou, foi sensibilizar o maior número de pessoas para o uso correto da terminologia, dar a conhecer diferentes perfis de pessoas nos vários contextos e respetivas estratégias de intervenção e interação, assim como explorar questões relacionadas com a legislação e com as acessibilidades física e digital.

Contudo o conceito de inclusão é bastante mais vasto e ultrapassa em larga medida o âmbito da incapacidade ou deficiência. Assim, procurando dar continuidade a este projeto, em 2018, o IPEiria lança o 2º Ciclo sob a designação “Diversidade e Desafios”. Este ciclo é formado por 15 minicursos em formato MOOC, que se distinguem dos anteriores pela diversidade de temas e pelo modelo de ensino-aprendizagem adotado. Procurando promover

maiores níveis de interação entre os participantes e aprofundar o debate em torno dos temas apresentados, este ciclo encontra a sua inspiração no modelo de *problem-based learning*, com uma vertente essencialmente reflexiva, onde se pretende debater e refletir sobre situações que ocorrem em diversos contextos da vida diária e que, para a maioria das pessoas, são “invisíveis”.

Dada a diversidade dos casos assim como a riqueza dos debates, consideramos que as temáticas abordadas, pela sua emergência, merecem ser mais debatidas, quer em contextos de ensino quer em contextos sociais. Acreditamos que a compilação destes casos, que além da história apresentada, focam o problema do lado de quem tem o papel de incluir, leva à reflexão do esforço que cada um dos atores deve ter para contribuir para uma sociedade mais justa, tolerante e inclusiva. A maioria das histórias apresentadas são fictícias, porém inspiradas em situações reais, como tal, para cada situação é apresentado um desfecho que deve ser entendido como um exemplo de boa prática e não “A” solução para o problema.

Esta iniciativa não teria sido possível sem o envolvimento dos participantes destes cursos. Neste contexto, é nossa pretensão dar destaque ao seu papel interventivo que impulsionou e motivou o debate. Numa atitude de cidadania ativa, não só demonstraram a sua envolvimento e comprometimento nas temáticas da comunidade que afetam todos e cada um individualmente, como enfatizaram o papel da educação na construção de uma sociedade mais democrática.

Assim, tendo por base estas premissas consideramos que estes casos podem ser uma ferramenta útil para professores, educadores, profissionais que contactam diariamente com o público e todos os interessados pela inclusão e por uma cidadania mais participativa.

Equipa coordenadora

COMO ESTÁ ORGANIZADO

Este livro apresenta os 15 casos que foram desenvolvidos em formato MOOC, por diversos autores, especialistas em cada uma das temáticas.

CADA CASO OBEDECE À SEGUINTE ESTRUTURA

“Para começar...” onde é feita uma introdução ao tema central do caso e são clarificados alguns conceitos abordados.

“Para ler...” expõe uma situação fictícia ou baseada numa situação real, de eminente exclusão.

“Para equacionar...” através de um esquema são apresentados os aspetos-chave que requerem respostas e estratégias de intervenção.

“Para debater...” coloca questões que serviram de mote para o debate do caso, no respetivo curso.

“Para reter...” tendo por base o problema e as questões para debate, apresenta-se um possível desfecho para a situação e sugestões de intervenção para a problemática em análise.

“Para consultar...” lista algumas referências bibliográficas, sugestões de leitura e pesquisa. Ressalva-se o facto dos endereços das ligações (links) externas, apesar de ativas na data da publicação deste livro, poderem ser alteradas ou removidas pelas entidades que os disponibilizam.

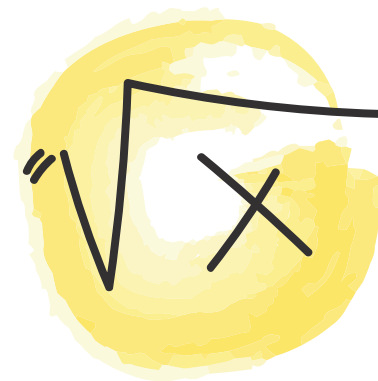
Em forma de “Balão de diálogo” são apresentados excertos de mensagens colocadas pelos participantes no fórum de cada caso.

CASO 2

O ELEARNING, OS SÍMBOLOS E OUTROS DESAFIOS

Autores: Carina Rodrigues¹ e Manuela Francisco¹

¹ Unidade de Ensino a Distância, Instituto Politécnico de Leiria



Referir este caso: Francisco, M. & Rodrigues, C. (2018). O eLearning, os símbolos e outros desafios. In R. Cadima, I. Pereira, M. Francisco & S. Cunha (Coords.). *15 histórias para incluir*. [Online]. Politécnico de Leiria: Leiria.

PARA COMEÇAR

O e-learning ou eLearning, onde o 'e' significa electronic, é uma modalidade de ensino que utiliza a tecnologia como veículo do processo de ensino-aprendizagem, onde são disponibilizados conteúdos digitais e desencadeadas interações recorrendo a diferentes meios (Laurillard, 2008, 2002; McGreal & Elliott, 2004). Recorrendo a ferramentas de comunicação e interação fundamentalmente assíncrona, estudantes e professor interagem em momentos diferentes não sendo necessário simultaneidade temporal e espacial.

No que respeita à inclusão e acessibilidade no eLearning, parte-se do pressuposto apontado por Berners-Lee (1997), que o grande potencial da internet é a sua universalidade, pelo que o seu acesso não deve estar vedado a nenhum cidadão.

Com base nesta premissa, considera-se que para um ensino online verdadeiramente inclusivo, deve ser garantido o acesso a todos os conteúdos, interações e funcionalidades disponibilizadas na plataforma web adotada pela instituição. Porém, o processo de implementar um eLearning inclusivo e acessível é complexo. Se por um lado se adaptam conteúdos textuais com alguma facilidade seguindo as normas de acessibilidade do W3C, o mesmo não acontece com conteúdos mais complexos como a música, matemática e outros, designados por conteúdos STEM (science, technology, engineering, and mathematics).

PARA LER

Sou a Maria, tenho 47 anos e sou professora de matemática.

Ensinar sempre foi a minha paixão. Ainda estava na faculdade e já dava explicações a jovens do ensino básico e secundário... e sentia que tinha jeito. Assim que terminei o meu curso concorri para dar aulas e consegui entrar numa escola secundária. Andei a saltitar entre escolas pelo país. Decidi fazer doutoramento e fiquei atenta aos concursos para lecionar no ensino superior... e há cerca de 6 anos consegui... depois de muitos concursos!!!

Como adoro desafios, aceitei este ano algo completamente novo para mim - lecionar em regime de eLearning. Foi-me proposto pelo coordenador de curso lecionar uma unidade curricular de matemática no 2º semestre... ele garantiu-me que não era nada complicado. Fiquei assustada, confesso. Era tudo novidade para mim. Rapidamente, comecei a investigar sobre a forma de ensinar online, que tecnologia teria de dominar, que tipo de exercícios podia fazer, como faria com os conteúdos - só pensava em gravar aulas e fazer digitalizações.



Só depois de contactar o aluno é que a Maria poderá saber quais as melhores estratégias a serem adotadas.

Cristiana Bastos



Eram muitas as dúvidas... por isso decidi inscrever-me num curso online, um desses que agora toda a gente fala - MOOC. Achei que devia passar pela experiência de ser aluno online e perceber o que se passa “do outro lado”. Lá fiz umas pesquisas e encontrei um da Open University que parecia responder a algumas das minhas questões “Creating open educational resources”. Foi rápido e aprendi algumas coisas interessantes... até tive vergonha de ter pensado em digitalizações com tantas ferramentas que permitem criar conteúdos interessantes.

Já estava cheia de ideias. Muito segura de mim, fui falar com o coordenador para lhe explicar o que pensava fazer. Ele achou muito interessante, mas alertou-me que a turma onde iria lecionar tinha um estudante cego. Aí tudo me caiu! Entrei em pânico! Nunca socializei com uma pessoa cega quanto mais ensinar. Perguntei se havia alguém na instituição que desse formação sobre pessoas com necessidades especiais. A resposta foi negativa, mas deu-me um conselho “Experimente falar com os outros colegas que estão a lecionar nessa turma”.

Bom, sem alguém especialista na matéria para ajudar, como haveria de fazer? E os exercícios? Como ia explicar matérias eminentemente visuais onde os símbolos predominam? Teria de aprender Braille... num mês??? Sim, estava a um mês do início do semestre!!!

PARA EQUACIONAR

Repensar a metodologia de ensino

Onde se informar

Que estratégias adotar

Como abordar o aluno

Problema da leitura/escrita linear da matemática

Como preparar os conteúdos

Que ferramentas usar

Acompanhamento do percurso de aprendizagem

Avaliação das aprendizagens

No caso do aluno cego, ele não necessita de imprimir a documentação: precisa apenas que o documento possa ser lido pelas tecnologias de apoio que ele utiliza (...) provavelmente, a Maria terá de adaptar algum material para escrita Braille (...).

Marta Costa

(...) Os cegos fazem as mesmas coisas que os demais, apenas usam técnicas diferentes. O que marca a diferença são as “técnicas” usadas e não as pessoas.

Manuel Teixeira

PARA DEBATER

COMO ABORDAR O ALUNO?

A Maria só tem informação de que o estudante é cego. Deverá obter mais informações? Será que é pertinente colocar as suas dúvidas diretamente ao estudante? Algumas dúvidas são talvez muito básicas... “se ele não vê como usa o computador”? Ele poderá ficar ofendido ou pensar que ela é uma incompetente...

Vamos tentar entrar na especificidade dos conteúdos STEM (Science, Technology, Engineering, and Mathematics) e no uso da tecnologia digital. A Maria, à semelhança de outros professores de matemática e outras ciências exatas, utiliza o software LaTeX para criar exercícios. Ou seja, os documentos já estão em formato digital, mas com muita informação visual.

Será que os leitores de ecrã conseguem ler estes ficheiros? Será que devem ser convertidos para Braille, uma vez que nem todos os cegos sabem Braille.

QUE ESTRATÉGIAS ESPECÍFICAS PARA OS CONTEÚDOS STEM?

E SE FOR OUTRA ÁREA?

O problema da Maria é ensinar matemática a um estudante cego... mas e se fosse noutra área? Qual seria a abordagem da Maria se tivesse de ensinar música, artes visuais, física, química...? Os desafios seriam os mesmos?

No caso dos exercícios que os estudantes devem resolver e enviar para correção, a Maria disponibiliza os enunciados na plataforma, os estudantes descarregam os ficheiros e imprimem. Depois dos exercícios resolvidos, os estudantes digitalizam e submetem para avaliação na plataforma de eLearning.

Será que o procedimento será o mesmo com o estudante cego? E se ele resolver os exercícios em Braille como é que a Maria vai perceber o que ele escreveu? Qual a melhor forma de acompanhar a aprendizagem deste estudante cego?

COMO ACOMPANHAR O PERCURSO DE APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE?

COMO PREPARAR OS MATERIAIS E QUE FERRAMENTAS DEVE USAR?

A Maria pensou em disponibilizar na plataforma de elearning capítulos de livros e exercícios digitalizados. Também ponderou disponibilizar alguns vídeos criados por ela a explicar a matéria. Será que estes materiais são adequados para o estudante cego? O que deve fazer para que os mesmos lhe sejam úteis?

PARA RETER

Considerando que cada caso é um caso e que as soluções adotadas para uma situação poderão não ser as indicadas para outras, deixamos um possível desfecho, baseado numa situação real.

Se o estudante cego não dominar o sistema Braille, deverá ser adotada outra estratégia de comunicação, por exemplo, com recurso à tecnologia.

Atualmente existem alguns programas que permitem fazer uma leitura linear de fórmulas e gráficos, como por exemplo o MathML. Porém, para usar esta linguagem é necessário conhecer a sua estrutura e código, por parte dos docentes e por parte dos estudantes. No caso dos docentes, será mais simples uma vez que existem conversores de LaTeX - software usado por muitos docentes de matemática - para MathML e vice-versa. No entanto, para o estudante cego, caso não tenha aprendido esta linguagem, em particular no ensino secundário, ler ou fazer exercícios em MathML poderá exigir uma aprendizagem extracurricular, colocando-o em desvantagem relativamente aos restantes colegas.

Neste caso, e por sugestão do estudante, optou-se pelo ASCII Math por ser muito mais simples. Todos os documentos foram disponibilizados na plataforma de eLearning em versão PDF (criado a partir do LaTeX) e em versão ASCII Math. Os trabalhos submetidos pelo estudante eram realizados em ASCII Math.

Contudo, a leitura linear da matemática exige mais tempo que a leitura gráfica, ou seja, é necessário ler linha a linha, ao passo que a leitura gráfica (visual) permite saltar entre linhas e ter uma visão do problema inicial ou de uma etapa específica do processo de resolução.

Sugestões para as instituições de ensino:

- Apostar no ensino do Braille aos docentes;
- Desenvolver ações de formação, para docentes e estudantes, relativamente ao MathML e/ou ASCII Math;
- Dar tempo aos docentes para prepararem previamente os materiais;
- Formar a comunidade académica relativamente à interação com diferentes perfis de pessoas e vários modos de comunicação/interação.

PARA CONSULTAR

Referências

Berners-Lee, T. (1997). Realising the Full Potential of the Web. Based on a talk presented at the W3C meeting, London, 1997/12/3. [Online]. <http://www.w3.org/1998/02/Potential.html>

Laurillard, D. (2008). Digital technologies and their role in achieving our ambitions for education. London: Institute of Education, University of London. http://eprints.ioe.ac.uk/628/1/Laurillard2008Digital_technologies.pdf

Laurillard, D. (2002). Rethinking University Teaching: A Conversational Framework for the Effective Use of Learning Technologies. (2ª edição). London: Routledge Falmer.

McGreal, Rory & Elliott, Michael (2004). Technologies of Online Learning (E-learning). In T. Anderson & F. Elloumi (Eds.), Theory and Practice of Online Learning (5). Athabasca University.

Sugestões de pesquisa

ASCII Math (<http://asciimath.org/>)

LaTeX (<https://www.latex-project.org/>)

MathML (<https://w3c.github.io/mathml/mathml.html>)